

REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES

ANANDA ROSA BORGES¹; THALINE JAQUES RODRIGUES²; TUIZE DAMÉ HENSE³; JADE ORNELAS DE OLIVEIRA⁴; VIVIANE MARTEN MILBRATH⁵; RUTH IRMGARD BARTSCHI GABATZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – anandarborges@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – thalinejaquesr@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – tuize_@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – jadeornelasoliveira@hotmail.com

⁵Nome da Instituição do(s) Co-Autor(es) – martenmilbrathviviane@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – r.gabatz@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A educação sexual é fundamental para que os adolescentes se sintam mais seguros para lidarem com as mudanças advindas da puberdade e com sua própria sexualidade (CENSE; DE GRAUW; VERMEULEN, 2020). Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental, propiciando um espaço de diálogo com informações e orientações confiáveis sobre o tema (SEILER-RAMADAS *et al.*, 2020).

Entretanto, quando não há atividades de educação sexual, ou quando estas são limitadas e não qualificadas a construção da sexualidade é explorada e vivenciada por cada um com seus recursos próprios, sem a mediatização de adultos, podendo obter informações de meios não confiáveis (GARBARINO, 2021).

Estudo revela que as principais fontes de informação dos adolescentes acerca da temática são os pais ou familiares, outros discutem esses temas com os amigos e colegas e alguns utilizam a internet (SA; TIAN; WANG, 2021). Outro estudo traz que as crenças em torno da educação sexual, que são introjetadas pelos familiares, podem dificultar mudanças de perspectiva em alguns tópicos, visto que essas crenças são transmitidas no seio familiar desde sua infância (SCHMITT *et al.*, 2022).

Dessa forma, mensagens negativas, conflitantes e confusas sobre a sexualidade são vivenciadas por muitos jovens e adolescentes quando chegam à vida adulta devido ao fato de não terem uma educação sexual de qualidade. Aliado a isso, as normas sociais vigentes podem perpetuar papéis desiguais de gênero nas relações sexuais, sendo prejudiciais para todos. A educação sexual deve contribuir para a promoção de relacionamentos saudáveis, seguros e positivos, bem como a reflexão acerca das normas sociais, dos valores culturais e das crenças tradicionais (UNESCO, 2019).

Assim, o objetivo desse trabalho é apresentar uma reflexão teórica acerca da educação sexual na escola sob a perspectiva dos adolescentes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica acerca da educação sexual na escola, abordando sua realização e perspectiva dos adolescentes sobre as formas de abordagem e os temas discutidos. Para tal, a discussão será embasada em artigos científicos e orientações técnicas governamentais acerca do tema.

A construção do presente resumo se deu a partir do aprofundamento teórico realizado para a construção de uma revisão de literatura, fazendo parte uma revisão integrativa, para um projeto de tese de doutorado. A construção teórica ocorreu entre os meses de janeiro a novembro de 2024, e a reflexão e aprofundamento da temática para a construção do resumo foi realizada em agosto de 2025. Foram realizadas buscas de artigos originais nos idiomas inglês, espanhol e português publicados a partir de 2019 e que tivessem relação com a temática de educação sexual na escola. A busca foi realizada em bases de dados e na Biblioteca Virtual em Saúde. Além disso, foram utilizados documentos de orientações técnicas governamentais para o embasamento teórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tabu que envolve o tema da educação sexual na escola gera debate entre os próprios adolescentes, visto que há um crescente desejo pela desestigmatização e normalização de conversas sobre esses assuntos (SAO *et al.*, 2023). Contudo, estes espaços de conversa ainda são muito permeados por sentimentos de vergonha e pudor por parte dos adultos, fortalecendo a ideia de que é um tema que não deve ser discutido, mas sim silenciado (GARBARINO, 2021).

Na perspectiva dos adolescentes, os professores e os profissionais que discutem esses assuntos precisam desenvolver algumas habilidades cruciais para ministrar aulas de educação sexual. Essas envolvem o conforto em realizar educação em sexualidade, o encorajamento do pensamento crítico, o respeito às opiniões dos alunos e o apoio aos alunos quando recorrerem a eles em situações desafiadoras (CENSE; DE GRAUW; VERMEULEN, 2020).

Em sala de aula, utilizando uma pedagogia que valorize todas as experiências, inclusive a ‘experiência autoritária’ de grupos que socialmente detém maior poder, é possível demonstrar que não há hierarquização de umas experiências em relação às outras, mas que são modos de conhecer e coexistir. Dessa forma, é ressaltada a troca de experiências, dificultando o silenciamento e não privilegiando as vozes de apenas um grupo (HOOKS, 2022).

A qualidade e quantidade de informação recebida até sobre os aspectos mais recorrentes da educação sexual, como o uso de preservativo, também são uma preocupação entre os adolescentes (AMO-ADJEI, 2022). A falta de confiança dos alunos advém da crença de que os professores escondem informações relevantes deles, além da insatisfação com comportamentos de julgamento e respostas críticas e moralizantes, fazendo com que se sintam desconfortáveis em fazer perguntas sobre o tema. Essa forma de abordar o conteúdo transmite a ideia de que não há espaço para outras opiniões e desencoraja a participação do aluno nas atividades pelo medo do julgamento dos professores e dos colegas (KOCH; BEYERS, 2023).

O recebimento de informações contraditórias por parte dos professores em relação à educação sexual preocupa os adolescentes em relação a confiabilidade do que é ministrado, visto que as questões referentes a esse tema necessitam de competências de tomada de decisão com base em informações qualificadas (AMO-ADJEI, 2022).

Além disso, os adolescentes percebem que a educação sexual disponível ainda é focada em temáticas ligadas a questões biológicas. Eles pensam que os temas devem ser mais abrangentes e incluir temáticas relacionadas ao gênero, como o estigma associado à menstruação, ao acesso a produtos de gestão

menstrual e normas de gênero injustas (AUSTRIAN *et al.*, 2021). Temas como agressão sexual também devem ser abordados nas aulas de educação sexual, pois os adolescentes reconhecem que muitos de seus colegas não percebem os impactos dessas agressões nos estudantes e na comunidade, sendo ignorantes e desrespeitosos com essas situações (SAO *et al.*, 2023).

Os adolescentes reconhecem a importância de conhecerem os riscos e as consequências do comportamento sexual irresponsável, porém também querem uma abordagem mais positiva sobre a sexualidade, abordando relacionamentos íntimos, sem que sejam feitos julgamentos e culpabilizações por seu envolvimento em atividades sexuais. Além disso, acreditam que os ensinamentos devem ser pautados em normas de gênero igualitárias e não em conteúdo carregado de preconceitos e discriminações, baseado nas crenças pessoais dos ministrantes das atividades (KOCH; BEYERS, 2023).

Intervenções focadas no gênero que desafiam as normas impostas pela sociedade e as suas desigualdades sexuais, bem como compreendem as perspectivas de ambos os sexos e envolvem os homens na responsabilização dos processos sexuais, como a gravidez por exemplo, são consideradas de extrema importância para modificar padrões profundamente enraizados na sociedade (LOHAN *et al.*, 2022). Assim, a educação sexual deve incluir uma visão positiva, baseando os relacionamentos em respeito e igualdade, bem como deve promover uma discussão ampliada acerca de vulnerabilidade, desigualdade de gênero e poder, fatores socioeconômicos, étnicos e culturais (DIAS; FONTANA, 2020).

A enfermagem exerce um papel primordial nesse processo, visto que por meio dos espaços de diálogo em que os adolescentes podem sanar dúvidas sobre sexualidade permite-se que eles colaborem no seu aprendizado e se conheçam melhor para que possam exercer sua sexualidade de forma responsável (FRANCO *et al.*, 2020). Portanto, a função do enfermeiro é estimular o autocuidado tornando o indivíduo responsável por seu cuidado e tendo consciência das informações para tomar suas decisões. Dessa forma, o enfermeiro deve considerar o contexto social em que o adolescente vive, suas experiências e necessidades para, a partir disso, facilitar o exercício da autonomia relacionada ao seu cuidado (SEHNEM *et al.*, 2019).

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho aponta que a educação sexual na escola é de suma importância para que os adolescentes tenham a possibilidade de tomar decisões responsáveis e ter escolhas saudáveis em relação a sua sexualidade e aos seus relacionamentos. Entretanto, também indica que não é imprescindível somente realizar as atividades de educação sexual, mas sim que estas sejam permeadas por espaços seguros e confortáveis, bem como profissionais capacitados e com atitudes respeitadas frente às opiniões dos adolescentes. Além disso, as atividades carecem discutir temas mais abrangentes e sensíveis no contexto social atual, promovendo uma educação inclusiva e livre de preconceitos e estigmatização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMO-ADJEI, J. Local realities or international imposition? Intersecting sexuality education needs of Ghanaian adolescents with international norms. **Global Public Health**, v. 17, n. 6, p. 941–956, 2022.
- AUSTRIAN, K. *et al.* Effects of sanitary pad distribution and reproductive health education on upper primary school attendance and reproductive health knowledge and attitudes in Kenya: a cluster randomized controlled trial. **Reproductive Health**, v. 18, n. 179, 2021.
- CENSE, M.; DE GRAUW, S.; VERMEULEN, M. 'Sex Is Not Just about Ovaries.' Youth Participatory Research on Sexuality Education in The Netherlands. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 22, 2020.
- DIAS, C.N.; FONTANA, R.T. **Educação sexual**. 1. ed. Frederico Westphalen, RS: EdiURI, 2020.
- FRANCO, M.S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 14, 2020.
- GARBARINO, M.I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2017.
- KOCH, R.; BEYERS, C. Teaching comprehensive sexuality education using a praxis co-created with adolescents. **African Journal of Primary Health Care & Family Medicine**, v. 15, n. 1, 2023.
- LOHAN, M. *et al.* Effects of gender-transformative relationships and sexuality education to reduce adolescent pregnancy (the JACK trial): a cluster-randomised trial. **The Lancet Public Health**, v. 7, n. 7, p. 626–637, 2022.
- SA, Z.; TIAN, L.; WANG, X.. Evidence for a Comprehensive Sexuality Education Intervention that Enhances Chinese Adolescents' Sexual Knowledge and Gender Awareness and Empowers Young Women. **Sex Roles**, v. 85, n. 5, p. 357–370, 2021.
- SAO, S.S. *et al.* Through Their Eyes: Youth Perspectives on Sexual and Reproductive Health Barriers and Facilitators in Baltimore, Maryland. **The Journal of Adolescent Health**, v. 73, n. 6, p. 983–991, 2023.
- SCHMITT, M.L. *et al.* "It always gets pushed aside:" Qualitative perspectives on puberty and menstruation education in U.S.A. schools. **Frontiers in Reproductive Health**, v. 4, 2022.
- SEHNEM, G.D. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Avances en Enfermería**, v. 37, n. 3, 2019.
- SEILER-RAMADAS, R. *et al.* Adolescents' Perspective on Their Sexual Knowledge and the Role of School in Addressing Emotions in Sex Education: An Exploratory Analysis of Two School Types in Austria. **The Journal of Sex Research**, v. 57, n. 9, p. 1180–1188, 2020.
- UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach**. 2. ed. Paris: UNESCO, 2019.